

III

Salta-me agora á ideia a minha primeira visita ao Barreiro, o concelho que eu pouco ou nada conheço. Bem... se calhar conheço um pouco.

Lembro-me que já vi essa margem do Tejo quando por um acaso espreitei pela janela do meu quarto que estava virada para sul. De cima para baixo, conheci o Barreiro como um lugar que tinha uma chaminé que mandava um tom acinzentado ao vento que por sua vez o espalhava por toda aquela zona. E até hoje nada mais consegui ver do Barreiro. E mesmo naquela altura, da posição donde estava, tapado, longe da verdadeira essência, longe da substancia do seu ser.

Mas agora sinto um bichinho que me faz cócegas para eu ir ao Barreiro.

E rio e rio!

Depois de toda aquela agitação da noite passada, dormi tão descansado como um bebé.

E a Quinta e a seguinte Sexta apesar de se terem passado de forma idêntica ás da semana anterior e ás da anterior a essa, pareceram a este rapaz diferentes. Ele descobriu novos horizontes e com ele novas paisagens e estava ansioso por descobrir novos ares.

Passei estes dias ansioso por chegar ao Barreiro!

Finalmente chegou o dia de Sábado. Oito horas da manhã e ele já está levantado. Coisa rara naquela sua vida preguiçosa e acomodada.

É só mais uma ilustração do sentimento que agora me bebe: passados muitos anos, estou como que a ver uma luz no fundo do túnel.

Até ás cinco da tarde, hora que cheguei á Praça do Comércio, nada fiz de especial, senão ver televisão, o filme não me interessava, como eu estava impaciente nem lhe dei a mínima atenção, mas não sabia o que mais podia fazer num Sábado.

Assim que entrou no barco, dirigiu-me imediatamente para os lugares que ficavam á esplanada. Cheguei a eles sem qualquer problema, já os tinha visto da plataforma e já daí tinha decidido que era ali que iria ficar durante a meia-hora da travessia. Estou lá; E lá

estava ele empinado para a zona de Lisboa; cheguei-me ao corrimão e ali debrucei-me enquanto me afastava da minha zona de residência.

Visto daqui, Lisboa, não parece ser aquele lugar atravancado, dotado de tamanha falta de espaço; não parece ser aquele lugar um pouco demasiado completo; parecera-me um lugar calmo, espaçoso, agradável e tudo isto ainda vendo aquela quantidade, supérflua, de carros a passar. Extraordinário, hoje ele não contestou - pois é prato da casa ele dizer somente a ele mesmo que a montanha de carros, que todos os dias sem falta quase que o atropela mesmo a sério, é funesta – hoje ele mirou, contemplou, não gostou, mas, também não se importou, se calhar porque já lá não estava.

Já estou a caminho do Barreiro, que novidades irei lá encontrar. E a ‘Jenny’, gostaria de estar enganado e ela ser afinal, linda! Comecei a imaginá-la. O barco que desde o começo da sua marcha, deixara no rio uma esteira rectilínea pela espuma das ondas, salvo é claro a manobra inicial, desenhava agora no mar uma curvatura e ela deu-me oportunidade, que estava ainda debruçado no corrimão, de ter uma visão do Cristo Rei de Portugal, uma das mais magníficas visões daquele monumento. O céu naquele ensejo, estava coalhado de claras de ovo em castelo, o monumento maravilhosamente transpunha-se entre o azul do rio que perdia os limites ao misturar-se com o do céu, egocentricamente á esquerda o castanho esverdeado

do monte, nos sugava a atenção, onde ele de braços abertos, supostamente, nos compreendia. A abrilhantar estava uma trilha que era uma estrada que levava ao Sol.

Tomo atenção ao meio que me rodeia e vejo que nele encontra-se cada coisa!: até a Ponte 25 de Abril, um acrescento do Homem á natureza, está perfeita esta fotografia.

Era simplesmente espectacular e ele não encontrava palavras para melhor definir. Também é verídico que ainda não inventaram as palavras suficientes a uma descrição (estes dois termos seguintes têm muito a ver um com o outro) total e verdadeira de algum sentimento, nem nunca as irão inventar. Eu que sou narrador desta história sei! Há sentimentos que a razão por mais que tente não consegue chegar perto. Por isso os sentimentos que se tornam íntimos estão limitados pela razão quando expressados; por mais que eu tente ser Surrealista, o só consigo ser no seu expoente máximo comigo próprio; pois assim que uso as palavras para o repetir, já estou quer queira quer não, a usar a razão. Não se consegue criar uma frase que se perceba sem os elementos que a constituem estarem logicamente encadeados; o senão será uma frase que ninguém compreenderá, não servindo então a sua finalidade. E na razão estão perdidas a descarga que já era na nossa imaginação. Procurem no dicionário a explicação

do sentimento/palavra: «afecto» seja ele de mãe ou de pai, ou de filho, verão que não exprimirá todo o sentimento que conhecem!

Desculpem o desabafo, mas tenho que dizer que: há três meses para cá, que me sinto triste, chego mesmo a dizer que estou a passar uma fase negra na minha vida. Há três meses que vivo sozinho, e já sinto falta dos meus pais, eles voltaram para a terra deles e deixaram-me aqui a estudar e só comunico com eles, por telefone e de vez em quando. E hoje em dia, quando eles falam comigo mostram-me sempre os desígnios da razão e já não os desígnios do coração. É por isto. Mas não faz mal, não me sinto magoado. É verdade que não estava, nem ainda estou, habituado a viver sozinho, mas... apesar de tudo estou mais livre. E agora por sinal, o objecto da minha liberdade ainda agora aumentou porque eu sinto-me bem; descontraído e a viagem ainda mal começou.

Estava o barco a roncar quando vejo ao longe, a aproximar-se, um moinho. A primeira vez na minha vida que eu realmente vejo um moinho-de-vento e o primeiro que vejo é *gigante*. É mais interessante e bonito este real do que os dos desenhos ou os das fotografias dos adultos.

Está o moinho e á sua volta uma pequena praia. Comparada com a Costa da Caparica esta é apenas um grande banco de areia estacionado junto á margem, mas... podia ser uma praia.

Não estava ninguém na água. Não procurei muito para saber o porquê, ele saltou-me á vista: o cinzento!

No barco, ao pé do rapaz, num banco daqueles, estava um velhote de bengala na mão que apesar da sua idade estava a apreciar a paisagem que só esta perspectiva lhe dava e por ela, isto julgo eu, não se importava, enquanto se afastava da maresia, de apanhar com algum fresco de cheiro a mar e alguns pingos de água do rio que para aqui salpicavam quando as ondas rebentavam ao baterem no barco, sendo depois apanhadas pelo vento em pleno ar e aqui *despejadas* em forma de salpicos que não se vêem mas que se sentem. A esse velhote de olhar pensativo mas não cabisbaixo; de queixo pousado mas não largado na sua bengala; de poucos cabelos e esses branqueados pelo tempo e tentados a esconder-se debaixo da boina muito alentejana: o rapaz perguntou que praia era aquela.

O velhote pareceu mostrar indícios que iria começar a falar, a falar e a falar e falar. E eu tive a impressão que ele conhecia bem o Barreiro e que tal como todos os de mais idade, este, teria uma concepção diferente e muito mais extensa do que os da minha geração, sobre a realidade presente. O senhor acomodou-se melhor ao banco e retirou do seu bolso um lenço de fazenda e com ele afagou a testa de maneira a limpar um suor que ainda não existia, como que a limpar dela um suposto suor que ainda estava para vir,

estava o velho a adiantar-se ao suor. Percebi então que ele iria estender a sua resposta quase até ao tamanho da história da sua vida. Não resignei, de qualquer forma eu estava ali e estava com tempo. O velhote com a sua história não me iria incomodar e depois, certamente, iria eu escutar uma razão para gostar ou desgostar mais de alguma coisa – estava a convencer-me a mim próprio. Portanto escutei com toda a atenção tudo o que o velho tinha para me contar. E lá começou o idoso, em tom grave e pausado, a história interminável parte I, II, III, IV... (é irónico uma história interminável ter afinal partes)

- Perguntas-me que zona é aquela, meu jovem! Aquela zona ali não fica muito longe do lugar onde eu vivi, trabalhei, sou a pessoa indicada para te falar dessa praia porque lá eu suei as estoupinhas e posso dizer que eu a fiz como ela está.

Dessa praia trago recordações que me foram dadas e hoje eu digo: como presentes: das poucas coisas que distingo na minha memória lembro-me perfeitamente do... eu não vivi isto o meu pai é que me contou... lembro-me bem que... eu ainda não era sequer um sonho ou um projecto... mas lembro-me bem que naquela zona que me perguntas, se calhar numa área um pouco mais recuada havia um local de casas de férias, propriedades, é claro, dos fidalgos cheios de dinheiro, mas que tal como tu, estavam a conhecer o Barreiro.

Naquela altura o Barreiro era um simples povoado rural e o meu avô, tal como alguns outros habitantes da altura, era um pequeno pescador, entre muitos lenhadores, contente com o trabalho que executava na sua terra de sempre; o meu pai pescava com ele e eu...

Nessa data e estamos a falar da 1ª década do século XX, ouviu-se, pela primeira vez nesta Vila, o grito agudo e desconhecido para estas gentes, das locomotivas que chegavam e partiam, trazendo e levando – uma roda viva, um vício, uma coisa linda - A este inicio de orquestra juntou-se a azáfama dos forasteiros vindos do Alentejo e do Algarve que aqui chegavam em busca de trabalho nas inúmeras fábricas de cortiça e o rouco berrar dos desgastados e velhos vapores que assustavam os peixes, mas, contudo, traziam um inicio do progresso ao Barreiro. A um nível económico e social trouxeram o desenvolvimento á zona e o Barreiro deixara de ser um pequeno povoado. Chegaram também as melhores famílias da alta burguesia do país que aqui vieram a possuir as suas *saisons* e que por aqui levaram uma vida elegante, de cativante convívio. Afluência esta, fez uivar para lá dos limites da Vila, o nome da zona, Barreiro. Que se chama assim, se a memória não se me atrapalhou, por causa do barro *barrio* que aqui havia há muitos, muitos anos atrás, tão muitos quanto há quanto tempo não há romanos do Império.

E de um momento a outro a vila magnificou-se: animaram-se aqui, ali, acolá os serões e a 28 de Junho de 1984 o Barreiro tornou-se cidade.

- Interessante! Mas não tens mais para me contar, temos tempo e se tu tiveres eu estou com vontade.

- Vontade de passar estas histórias, meu filho, é meu dever as passar assim como é teu as ouvir. Ainda bem que tens vontade. Porque hoje eu dia o que há menos por aí é vontades, vejo as famílias a olhar para uma janela que está no centro da sua sala e das suas atenções. Ainda bem que sentes vontade. E por mais que tentem não deixes que te comam a vontade que te leva para a frente. Sim! Outra história.

Eu sou religioso, mas não muito, mas, estou a lembrar-me de uma história que me contavam, que mais ou menos dizia que desde o século XVIII, sempre lá para meios de Agosto, realizava-se a romaria a N.ª Sr.ª do Rosário a partir da igreja desta santa no Barreiro. Tem a esse respeito, a minha memória, um quadro memorável que eu vou agora tentar te descrever.

- Até já sinto o cheiro a aguarelas! -

- Meu jovem, não te quero maçar, pareces ser um jovem grado e não é minha intenção condenar-te a quinze minutos de uma, se calhar para ti, pachorrenta história. Se quiseres paramos por aqui e

podemos continuar outro dia – àquele rapaz disse o velho em forma serena.

- Não, não, a minha vontade é tão menos a de não ouvir do que a de ouvir. Continuemos, Sr...?

- Sr... Da Silva! As tuas palavras expressavam a verdade, também nem sei porque duvido. Sim, não vou mais empatar a tua atenção.

A imagem da Senhora do Rosário vinha da igreja de S. Domingos. Por vir de Lisboa, chegava ao Barreiro, via barco. E era lá no rio Tejo, nem em Lisboa nem no Barreiro, que da agora chamada Av. de Praia, os pescadores, os lenhadores, os produtores de vinho, todos apumados, os homens, mulheres e crianças, que esperavam a imagem para seguir na procissão desde o início, viam, uma das mais esplêndidas imagens religiosas que o Barreiro tem agora na sua história para contar. Era a imagem da santa a caminho do Barreiro por um batel ao serviço da Marinha Real, sob escolta de diversas embarcações outrora simples, mas naquele momento, verdadeiras peças de um carnaval cuja celebração, fugia á tradição da palavra, era uma celebração espiritual.

Enfeitadas com flores, com fitas, de diversas cores, de rosa, de branco, de púrpura, as embarcações sorriam, ao protagonizarem a marcha com imagem da Santa a mostra-lhes o caminho para a margem. O mais catita nesta gravura é que os barcos ao sulcarem a

planície líquida ficavam evidenciados pela espuma cã das ondas da procissão, o que deixava nas eras do pensativo azul a imaculada recordação.

Era este o quadro, fiz o que pude. Espero ter-te dado, quando confiei-te esta recordação, pelo menos metade do prazer que me ataca quando a desejo. Sabes a imaginação, as recordações de alguém, por mais que se queira: não podem ser compradas, nem, vendidas, nem dadas em testamento; eu vivo, elas vivem comigo, eu morro elas morrem comigo; é tal e qual o meu espírito; deles só te posso dar bocadinhos. Sim! Desculpa, desviei a tua atenção – olhando para mim e vendo-me á espera de mais história.

O barco aportava no cais, onde a população o esperava para daí seguir a procissão com a esperança a comandar as fileiras.

Esta festividades prolongava-se por vários dias e era animada por arraiais, feira franca ao Largo da Igreja, tourada e com o derradeiro fogo de artifício.

Se gostaste assim quanto demonstra a atenção que me ofereceste, digo-te que ainda hoje podes assistir a este marco do Barreiro.

- Hã, sim, pois claro, garanto, que não faltarei, em Agosto no Barreiro estarei! – Exclamei, mas não fui lá muito convincente. E o Sr. Da Silva apercebeu-se disso.

- Veremos não afirmes nada para o futuro. Espera dele tudo porque não sabes o que ele te reserva. As coisas estão sempre em tão constante movimento que... pode ser que de hoje para amanhã, aconteça para ti uma notável revolução, nunca se sabe. As possibilidades que o futuro apresenta são tantas e variadas, que te perdes em previsões e se não fores forte e se não tiveres vontade de agir descais para o pessimismo - só se deixa corroer quem acredita que não se consegue manter castiço e deserta então da luta contra o mal - eu quando podia não me apercebi disso e, agora, já não vale a pena. Mas deixemo-nos de filosofias e deixa-me concentrar-te na história que eu estava a contar-te e que tu estavas atentamente a escutar. Afinal como te disse sou a pessoa indicada para ta contar.

- Indubitavelmente!

- Meu jovem. Corrige-me se eu me enganar: já te falei do como surgiu para este século o Barreiro, até te falei da festa religiosa de N. S. do Rosário. Vou agora contar-te outra mas advirto-te que só te conto todas estas histórias não só para passar o tempo, ou porque devido á minha idade *avançada* não consigo discernir mais nada, mas mais para elas te ajudarem no presente, estas histórias são instrumentos que terás de aprender a usar para operares na tua realidade.

O rapaz muito sério não se assustou, o mundo para ele parecia novo e tudo lhe maravilhava e às maravilhas ele não tinha o poder de meter pontuação.

Ainda não te contei que as linhas ferroviárias de sul e sueste têm o seu terminal no Barreiro desde 1861! Sabes foi decidido trazer esse terminal para aqui, porque já a essa altura, como já te contei, o Barreiro demonstrava ter um cariz industrial e a indústria tem o poder de *esticar* até ela, esses meios de transporte mais pesados.

Havia industria no Barreiro, é verdade. Pouca, semelhante á do resto do país, pouco significativa a um nível global, mas não era esse o mal, o mal era os aristocratas, a burguesia nacional, que não detinha um espírito empreendedor; acomodavam-se e pronto, faziam pouco e nada mais. Iam ameaçando fazer, copiando dali e de acolá.

A acomodação é um grande mal face a um mundo em constantes mutações, mas, infelizmente há gente que a pratica e não a acha perniciosa. O pior mal dos acomodados é não deixarem o desenvolvimento circular, conservadores são todos inconscientes! Por isso no Barreiro, todos duvidaram dos rumores que diziam que “fundas transformações se iriam operar naquele modesto burgo ribeirinho. Foi falado que alguém chegara para erigir ali, sobre os planos arenosos, que eram os alicerces da vila, o templo-patriarcal da Indústria Portuguesa. Estes rumores soaram como nome de

misterioso faquir, aos ouvidos daquela gente nobilitada pelos feitos patrióticos de velhos antepassados”. Não acreditavam em tal história e via-se que entre os mais cépticos deslizavam sorrisos de disfarçada ironia; e que nas conversas corteses passeava uma tremenda desconfiança por esse templo-patriarcal. Que te posso dizer!? Nada!!!! Era um país de “conservadores inveterados, para quem o progresso, a transformação do seu *habitat*, se assemelhava a um delírio, a um sonho, a um niilismo, que por tal não tinha pés nem cabeça.” Mas em toda esta descrença a curiosidade não se fazia tímida.

E não tiveram que esperar muito, pois rapidamente este rumor deixara de simplesmente o ser, “Alfredo da Silva dotado de espírito empreendedor, formado com distinção no Instituto Comercial e Industrial de Lisboa aos 19 anos, já tinha decidido que era no Barreiro que iria instalar a Companhia União Fabril - CUF -” e assim decidiu como construiu. A mão-de-obra que mobilizou, revolucionou o povoado, dando á povoação, outrora, humilde, a capacidade para, crescidos, sabedores da posição que ocupavam, exigirem o estatuto de cidade. As pessoas da Vila trabalhavam mais e mais, sabiam que estavam a fazê-lo para o bem deles e do próprio Brr., era já o espírito socialista da zona a querer nascer, quem os impulsionava a trabalhar mais, não tanto ao espírito socialista, era o

Alfredo da Silva, um chefe nato; um alguém que muitos políticos, isto sei eu, gostariam de igualar.

E digo-te se viesses fazer uma visita em Agosto de 1907 e voltasses em Agosto do ano seguinte, quase que já nem reconhecerias o Barreiro, tornara-se outro. Aquela calma desaparecera e tudo agora trabalhava ao ritmo apressado das máquinas da CUF. E foi a este ritmo que o Barreiro progrediu.

A presença da CUF trouxera á Vila reais incómodos, é verdade, mas também sei que “o progresso nunca se conquistou sem pesados sacrificios”. A CUF era a fonte de sustento de centenas de pessoas e peça fundamental na economia do Barreiro e não estou a exagerar, quando afirmo, do país.

Mas o fumo... devagarinho adensava e sem dar preocupações cobriu o Barreiro e foi só por isso que o Barreiro e as suas qualidades, não são hoje, mais inteligíveis. Por isso eu digo, hoje, que devemos ter o máximo de cuidado no presente e fazer por limpar agora a poluição do nosso meio. Porque temos de ter cuidado com aquilo que queremos; o bem que esperamos pode ter uma mancha de mal que se nos descuidamos pode ser a principal caracterizadora do nosso bem.

E o velho calou-se e calado ficou a olhar fixamente para lá.

E eu simpatizando um pouquinho mais com aquela fábrica abstraindo-me, pois claro, daquela réstia de poluição, abstrai-me também da própria fábrica e reflecti sobre a história, mais propriamente, sobre questões que passavam pela capacidade daquele homem ter feito relatos tão reais, sem ter vivido ou sem ter sentido vivamente as sensações que os tais relatos no real, transmitiram a quem realmente as viveu, porque, eu não acredito que ele tenha 129 anos, setenta no máximo, mas não quase cento e trinta. Acredito que quem viveu estes acontecimentos os descreveria, com tal emoção quanto o Sr. Da Silva.

O que eu acho é que este senhor, contou-me esta história, não propriamente baseada em sensações, mas sim em coisas que o seu espirito - todos sabem que quanto a absorver sentimentos é mais o espirito que a matéria (o cérebro) - interpretou á sua medida, em coisas como livros, factos reais da história do Barreiro que ainda hoje se fazem sentir, outras interpretações e mais, com as quais construiu as ideias que foram a história que acabou de me contar.

A compreensão e a interpretação de algo que existe, é algo muito importante, mas eu quero acrescentar que: analiso, interpreto, o que já está feito, os factos, os actos, o que realmente afecta o mundo, relaciono, objectos com outros objectos, ideias de uns com as doutros, as antigas, as novas e as minhas que estarão com certeza

almiscaradas pelo aroma dos meus pontos de vista muito próprios e *voilà* encontro algo novo. É quase a minha receita para a criação e invenção.

A interpretação é própria da pessoa que a fez e é perfeitamente a expressão do seu autor, que a percebe e a sente totalmente; a tradução não. A tradução é simplesmente uma cópia diferente, que é mesmo sem ser sentida e por vezes é sem ser percebida. Enquanto que a interpretação ajuda ao desenvolvimento e a expandir; a tradução dá uma outra aparência a uma essência que vai se assim perdendo, servindo ainda á contracção e á cópia de um passado que não se pode aplicar ao meio presente. A tradução não traz nada de novo.

Mas ás vezes as palavras comandam-me e na minha imaginação não vejo a distinção entre um e outro.